

BRASÍLIA, 24 ANOS



Famílias inteiras perambulam pelas ruas, sem ter onde morar e pedindo algum dinheiro para poder comer

Uma pobre Capital

BRASÍLIA — A miséria chegou à Capital. Centenas de miseráveis — crianças, jovens e velhos — perambulam pelos locais mais movimentados da cidade, não mais à procura de empregos — que não existem — mas em busca de uma simples esmola.

Brasília apresenta hoje dados espantosos para uma cidade de apenas 24 anos: a oferta de emprego não absorve nem dez por cento da população pronta para entrar no mercado de trabalho; o nível de emprego caiu este ano 46 por cento em relação ao ano passado e 77 por cento em relação a 1982; 35 por cento da população economicamente ativa — 860 mil trabalhadores — é analfabeta e 34 por cento sabem apenas assinar o nome.

A população dobrou em dez anos. Dos um milhão e cem mil habitantes, 70 por cento são migrantes. Até outubro deste ano, chegaram a Brasília dez mil famílias fugindo do desemprego no Nordeste, mas no Distrito Federal também não há mais trabalho.

— Dá uma moedinha para o Natal? Posso vigiar o carro? Vai uma graxa no sapato? — pergunta Francisco de Assis, filho de mãe abandonada pelo marido e irmão de mais quatro crianças que também estão na rua em busca de dinheiro.

Mais de 200 mil crianças pertencem a famílias cuja renda não ultrapassa dois salários mínimos. Segundo a Secretaria de Serviço Social do Distrito Federal, 78 por cento da população recebe até três salários mínimos. A diferença salarial é gritante: em 1982, 23 por cento da população de Brasília tinha uma renda per capita mensal 720 por cento superior à de Ceilândia, a cidade-satélite mais populosa.

A viúva Jacira Alves da Silva, que



Jacira Alves da Silva, retrato do migrante nordestino

chegou da Bahia há dez dias com os cinco filhos menores — de 15 anos a um ano e nove meses — e o cunhado Domingos, de 21 anos, é o retrato do contingente de miseráveis que ocupa diariamente o Setor Comercial Sul, a área mais movimentada de Brasília. Antônio, seu marido, foi assassinado por jagunços há menos de um mês, em Jequié, segundo ela a mando do fazendeiro Antônio Nasci-

mento.

Eles chegaram a Brasília já sem dinheiro e agora perambulam de prédio em prédio. Valéria, de cinco anos, já desmaiou de fome. Wesley, de um ano e oito meses, entrou em estado de fraqueza. Jacira, aos prantos, foi cercada por passantes em frente ao Edifício Denasa. A cena já se tornou comum, mas algumas pessoas ainda se penalizam.